



InFormAÇÃO



www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiaí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Esta edição temática está relacionada ao feriado nacional do dia 15 de novembro, data referente a Proclamação da República.

Proclamação da República

Por Giulia Gomes

A insatisfação da sociedade com a monarquia — durante o reinado de D. Pedro II — impulsionou a Proclamação da República no ano de 1889. A situação do regime monárquico entrou em decadência logo após a Guerra do Paraguai (1870), a qual resultou em uma ineficiência (por parte dos autoritários) em atender aos interesses, demandas e pedidos daquela sociedade. Assim também, disputas políticas e a consolidação do exército como uma instituição profissional. O movimento republicano ganhou destaque por suas ideias, marcando seu início no ano de 1870, quando foi lançado o Manifesto Republicano, e assim planejado o golpe de 1889.

Durante esse período crítico, manifestações públicas se revelaram, carregando críticas ao imperador. A Proclamação ocorreu na Câmara, anunciada por Marechal Deodoro da Fonseca (principal chefe do exército brasileiro), agitando todo aquele povo nas ruas do Rio de Janeiro. Logo, Deodoro assumiu o cargo de presidência e seus defensores tomaram posse de cargos secundários. No dia seguinte, a família real foi expulsa do território brasileiro, com destino a Portugal.

Assim, esse movimento representou o fim do Império que durou 70 anos, e após esses anos o regime presidencialista se iniciou no Brasil. Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente do país, foi quem instituiu alguns símbolos da República, como o Hino Nacional, a Bandeira e a Política Nacional — medidas e programas criados pelo governo com o objetivo de garantir o bem estar da sociedade —.

Concomitantemente ao evento da SNCT, os alunos da rede IFSP foram convidados a se inscreverem na “A Feira Estadual de Ciência e Cultura do IFSP” (FECCIF) e “O Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP” (CONICT). Em relação ao FECCIF, alguns alunos do nosso campus foram premiados com medalhas e bolsas de estudos. Toda a experiência promovida fora de muita importância para o crescimento educacional dos alunos.

O projeto do jornal do nosso campus foi exposto na quinta (23), em uma conferência virtual do CONICT sendo discutido o uso do folhetim em um jornal escolar. Também foram apresentados outros projetos como: “Inclusão dos estudantes público-alvo da educação especial em um campus do IFSP: A percepção dos estudantes” por Yasmin Almeida Santos; “Produção de maquetes de orgânulos celulares em escala aumentada” por Yasmin Silva Cortes, Julia Aguiar Silva e José Roberto Debastiani Junior; “A história da biomedicina a partir da concepção de ciência de Thomas Kuhn” por Yasmin Malaquias; “A influência dos algoritmos do youtube na divulgação de conteúdos feministas e antifeministas” por André Noçais Fabio, Davi Nascimento Pereira, Diego Garcias, Julio Cesar Dantas de Melo e Gustavo Maia Rodrigues; “Erosão nas trilhas da Serra do Japi” por Henrique Leandro Alfredo, João Vitor Archilla Gonçalves, Jheniffer Barros da Silva, Ana Carolina Rodrigues e Emilly Sousa da Silva.

As feiras científicas e a SNCT fomentam uma cultura de aprendizado autônomo, incentivando os alunos a explorarem áreas de interesse pessoal. Enriquecendo a experiência educacional e promovendo o respeito pela variedade de abordagens na busca pelo conhecimento.

Eventos de divulgação científica do IFSP

Por Letícia Rosa

O Campus Avançado Jundiaí do IFSP realizou entre os dias 06 e 10 de novembro a 20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2023 (SNCT). A programação ofereceu aos alunos, palestras, minicursos e apresentações das quais contaram com produtos de objetos de pesquisa desenvolvidos por alunos e exposições diversas. Durante as apresentações, a equipe do jornal InFormAÇÃO cobriu todo o evento na rede social no Instagram (@ojornalinformacao).



Fotos: Arquivo Pessoal

As raízes da música brasileira nos povos africanos.

Por Natália Brunheti

O Brasil é composto por uma mistura de povos, conhecimentos e costumes provenientes de diversas regiões do mundo. Inegavelmente, a cultura africana teve importante influência na formação da arte, dos hábitos e das crenças do nosso país. Um exemplo de formação afro-brasileira, é a música, onde diversos ritmos tem raízes no continente africano. No período da escravidão muitos instrumentos, conhecimentos e práticas foram trazidos para o Brasil junto das pessoas que foram escravizadas. E por conta disso, principalmente no período de pós-abolição da escravidão, onde os povos negros começaram a fazer parte das produções musicais, foi constituindo-se ritmos como o samba, o maracatu, o coco, o jongo, a lambada, o maxixe e o maculelê, o que revolucionou o cenário da música brasileira.

O estudo realizado pela historiadora Martha Abreu, da Universidade Federal Fluminense (UFF), aponta o trajeto pelo qual a música brasileira foi moldada pelos povos negros: “O campo musical passou a expressar, no Brasil e em todas as Américas, os impasses e conflitos sociais e políticos vividos no pós-abolição por diversos atores sociais. Por meio da música, discutia-se não só o legado cultural da escravidão e da África nas nações modernas, mas também as formas da presença e representação dos negros nos palcos e, por extensão, na própria sociedade”, diz a pesquisadora.

Como mencionado, uma diversidade de instrumentos, como o agogô e o berimbau, e ritmos, como o lundu, foram importantes para compor a identidade musical do Brasil. Eles formaram por exemplo o samba, o axé, o maracatu, o choro, o coco, o jongo e muitos outros. Além disso, essa formação de uma identidade afro-brasileira se estendeu para além da música, alcançando outras artes, religiões, brincadeiras e manifestações culturais.

Uma manifestação cultural que foi formada por essa extensão é o carnaval. Segundo a Sociedade Artística Brasileira (SABRA), essa comemoração foi baseada nos desfiles em volta das aldeias africanas, que são similares ao que hoje conhecemos como os blocos de carnaval e também nas máscaras de pedras e ossos que eram usadas com o intuito de espantar as energias ruins durante esses desfiles e que foram a base para as fantasias, que foram se modificando através do tempo e ganhando novos significados até chegar no que existe atualmente. Além disso, o maracatu, a congada e o jongo são exemplos de manifestações culturais afro-brasileiras.

Com base nisso, pode-se concluir que a identidade do Brasil é na verdade, em parte, afro-brasileira. A cultura desse país foi fundada por de uma mistura de culturas e, por isso, é tão rica e tão singular. A historiadora Abreu também diz que: “a cada casa de shows em que estiver tocando um partido alto, ou desfruta-se desses ritmos musicais graças à resistência

e perseverança de descendentes de africanos e africanos escravizados, entre eles brilhantes artistas como Eduardo das Neves, Anacleto de Medeiros, Henrique Alves de Mesquita Callado, Pixinguinha, entre tantos outros que acabaram sendo apagados na história”.

Resenha: “Quem tem medo do feminismo negro?”

Por Leticia Rosa

O livro: “Quem tem medo do feminismo negro?” é uma obra provocativa e esclarecedora escrita por Djamila Ribeiro, filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. É atualmente pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Publicado em 2018, a sua obra se destaca como uma voz potente no cenário intelectual contemporâneo, oferecendo uma análise profunda das interseções entre gênero, raça e classe social, especialmente no contexto da experiência das mulheres negras no Brasil.

A autora em questão inicia sua obra desafiando o leitor a confrontar os medos e preconceitos que cercam o feminismo negro. São abordados temas complexos, explorando as nuances das opressões que as mulheres negras enfrentam diariamente e mostra como essas opressões são muitas vezes invisibilizadas, mesmo dentro dos movimentos feministas mais amplos. Um dos principais destaques da obra é a capacidade de apresentar conceitos complexos de maneira acessível, utilizando uma linguagem direta e envolvente, uma vez que capítulos são curtos e sua linguagem é fluida.

Além disso, a autora contextualiza o feminismo negro no cenário brasileiro, discutindo as raízes históricas da opressão, as manifestações contemporâneas do racismo e do sexismo e a necessidade urgente de reconhecimento e reparação. O livro também oferece uma análise crítica das políticas públicas e das estruturas sociais que perpetuam as desigualdades, ao mesmo tempo que propõe estratégias para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. A obra não apenas desconstrói estereótipos e preconceitos, mas também lança um desafio para que a sociedade repense seus valores e suas estruturas. A obra é, portanto um convite à reflexão e à ação, inspirando leitores a se engajarem na desconstrução de ideias que alimentam desigualdade e a discriminação á tanto tempo.

Djamila Ribeiro com esta obra, se firma como uma voz imprescindível no diálogo sobre as questões raciais e de gênero no Brasil, oferecendo uma contribuição valiosa para aqueles que buscam compreender e combater as injustiças que permeiam nossa sociedade. “Quem tem medo do feminismo negro?” é, sobretudo, não apenas um livro, mas uma poderosa ferramenta de transformação social e conscientização.

Entre a loucura e a exclusão: a literatura de Lima Barreto

Por Tales Morales e Yasmin Malaquias

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no dia 13 de maio de 1881 – exatamente sete anos antes da Abolição da Escravatura no Brasil (1888) – e morreu em 1 de novembro de 1922. Além de escritor, Lima Barreto também foi jornalista e crítico literário e a sua produção pode ser classificada como pré-modernista. Em suas obras, como “Recordações do escrívão Isaías Caminha” (1909), “Triste de Policarpo Quaresma” (1915) e “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá” (1919), o autor tematizou o Brasil e sua nova conjuntura, a partir da República.

Ele pode ser considerado um dos precursores da literatura negra no país, pois tematizou, mesmo que de maneira indireta, as vivências da população pós-abolição. Entretanto, apesar de deixar uma fortuna crítica reconhecidíssima pelos estudiosos de literatura brasileira, o autor foi relegado à exclusão dos círculos literários e à falta de reconhecimento durante seu período de produção artística, principalmente por ser negro. Ele, inclusive, se candidatou à Academia Brasileira de Letras três vezes e foi recusado. Em seus diários, o autor relatou, entre tantas outras coisas, sua frustração: “Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”.

Diante da sua frustração, Lima Barreto passou por momentos muito difíceis, especialmente ligados ao alcoolismo. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, foi taxado como louco e esse peso recaiu sobre seu filho, que além de sustentar a família muito cedo, acabou sendo internado por “históricos familiares” e alucinações decorrentes do consumo de álcool, no Hospital Nacional dos Alienados (RJ). As violências por ele sofridas foram relatadas em seu diário: “o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espantar ou reduzir.”

Da mesma forma que muitos outros escritores negros, Lima Barreto foi deixado de lado de lado, culpa de um cânone que é majoritariamente branco e silencia a pluralidade de vozes existentes na literatura. Além disso, uma particularidade de sua produção é a aparição da loucura, fruto da frustração do autor com a desvalorização de sua obra, proveniente de um racismo que, mesmo após a abolição, existe e se manifesta de diversas formas. Assim, neste 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, devemos pensar também nas produções artísticas negras, sejam elas literárias, visuais, etc., a fim de reverberar a importância afro-brasileira em um espaço que sempre foi tão elitizado.

Geração sem gênios

Por Tereza Caroline

Em primeiro lugar, a ideia de uma geração sem gênios frequentemente é atribuída à Geração Z, muitas vezes rotulada como uma geração imersa na tecnologia, superficial e carente de profundidade intelectual. No entanto, essa percepção está longe da verdade. A Geração Z têm inúmeras capacidades e talentos excepcionais em diversos campos, mas suas habilidades podem não ser facilmente identificadas pelos padrões convencionais de gênio estabelecidos por gerações anteriores.

A conectividade global e a facilidade de acesso à informação oferecidas pela era digital têm permitido à Geração Z explorar múltiplas facetas do conhecimento de maneira mais acessível. Embora possa parecer que não há figuras extraordinárias como Einstein ou Da Vinci, é crucial reconhecer que o conceito de gênio está se transformando. Essa geração demonstra genialidade ao desenvolver aplicativos, ao criar movimentos de ativismo online, ou ao utilizar suas vozes para impulsionar mudanças sociais significativas.

Por outro lado, é essencial lembrar que a desigualdade histórica também moldou o reconhecimento de gênios no passado. Muitos talentos extraordinários foram silenciados ou subestimados devido a barreiras sociais, raciais, de gênero e econômicas. Portanto, enquanto discutimos a percepção de uma “falta de gênios” na Geração Z, é crucial contextualizar essa visão dentro de um quadro histórico de desigualdades que impactaram a identificação e celebração do talento excepcional ao longo do tempo.

Uma pesquisa realizada em novembro de 2017, pela Fundação Casa, aponta que houve um aumento exponencial de pessoas diagnosticadas com AHSD, ou seja, Transtorno do Espectro Autista de Alto Funcionamento, esses muitas vezes têm habilidades excepcionais em áreas específicas, como matemática, música ou arte, enquanto podem enfrentar desafios na interação social e na comunicação. Apesar de suas especificidades, esse grupo sofreu por muitos séculos diversas discriminações e estigmas sobretudo preconceitos, visto que até o começo do século XX não havia estudos que destinavam-se a buscar respostas sobre esse tema em específico, reverberando até então em teorias não fundamentadas acerca desse grupo. Cada indivíduo é único, e as necessidades variam de pessoa para pessoa. É importante entender e apoiar as pessoas com AHSD, valorizando suas habilidades e oferecendo o suporte necessário para enfrentar os desafios.



Niketche: uma história de poligamia

Por Tales Morales

“Niketche: uma história de poligamia”, obra de leitura obrigatória no vestibular da Unicamp 2024 e 2025, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, conta a história de Rami, uma esposa fiel que se desdobra para atender às necessidades de sua família, principalmente de seu marido, Tony, com quem é casada há vinte anos. Por mais que o casamento seja duradouro, o amor entre eles já se foi há tempos. Tony não dá atenção à família e desaparece frequentemente, o que faz com que Rami questione a si mesma e se sinta só. O estopim dessa situação para ela se dá quando um de seus filhos, Betinho, causa um transtorno na vizinhança e ela se encontra desamparada para resolver tal situação sozinha, sem a presença de um homem ao seu lado, uma vez que para ela “marido em casa é segurança, é proteção”. Assim, Rami, desconfiada, acaba por descobrir que Tony tem várias amantes espalhadas por Moçambique e decide conhecê-las, inicialmente motivada pelo ódio e pelo objetivo de garantir sua posição de mulher, porém, ao perceber que essas mulheres também foram enganadas por seu marido, acaba por criar uma relação de companheirismo e sororidade com cada uma delas: Julieta, Luisa, Saly e Mauá.

A obra, lançada em 2002, relaciona-se com um contexto pós-guerra civil, marcada por conflitos políticos que sucederam a independência de Moçambique, até então colônia de Portugal, em 1992. Logo, o livro reflete as consequências causadas pela guerra, como por exemplo: a busca pelas raízes moçambicanas num país cuja pluralidade cultural é fruto da exploração e colonização lusitana. Tal busca se reflete nas constantes interações entre personagens de diferentes partes do país, que expõem opiniões distintas, baseadas em tradições e valores, em torno da condição feminina, principalmente numa relação conjugal. Com isso, a autora utiliza a narração em primeira pessoa para mostrar o fluxo de pensamento de Rami, que navega entre esses diferentes pontos de vista, a fim de encontrar seu valor como mulher em meio a tantas violências sofridas não só por parte de seu marido, como também da sociedade que nunca o culpa por suas mentiras, que afetam cada uma das mulheres com quem possui uma relação.

Deste modo, o termo “Niketche” utilizado como título do livro remete a uma dança de ritual de sedução amorosa, tradicional do norte do Moçambique, em que diferentes mulheres dançam para conquistar o amor de um homem, o que transmite um dos aspectos abordados na obra: a posição feminina, principalmente no contexto moçambicano citado, é marcada pela submissão – as mulheres não possuem visão de independência. Tal problemática é expressa não só a partir de Rami, mas também a partir de todas as amantes de Tony: mesmo que elas não sejam legalmente reconhecidas como esposas e se encontrem numa posição subordinada, elas lutam e querem continuar na mesma posição, estando elas inseridas numa estrutura de costumes e tradições que levam-as a crer na dependência masculina. Portanto, a união entre mulheres é ressaltada no livro, como forma de resistência e transgressão contra diversas violências que assolam a figura feminina.

Am(d)or

Por Yasmin Malaquias

É sentir o que antes se deixava esvair
Se conectar com o que ficava a desejar

Mas se é tudo isso
Por que a dor vem junto?
Rodeada de medo que permeiam o assunto

O ver beleza em tudo
Se torna fraquejar ao seu lado
E o que antes era sentir
De fato, se tornou coisa do passado

Um beijo, um toque, um carinho
Mais parece que estou sozinho
O “para sempre” tem um fim
E agora você está longe de mim

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Gabriela Alias, Jaqueline Borges e Ana Helena Fiamengui.

Diagramação: Júlia Aguiar.

Acessibilidade: Yasmin Cortes e José Ricardo.

Jornal desenvolvido por alunos do curso Técnico em Logística Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiaí.